

# A BATALHA



SABADO, 14 DE NOVEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

POR-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2134

## As taxas postais elevadas isolam o país e prejudicam a sua expansão intelectual

Um assunto importantíssimo está interessando neste momento a opinião pública. Só as entidades oficiais que têm pela opinião pública o máximo desprêzo é que não se interessam por esse assunto. Trata-se das taxas postais que indevidamente estão sobrecarregando a imprensa livreira e jornalística.

Em Portugal vive-se à margem da civilização. Talvez por isso os dirigentes tenham vontade de, cada vez mais, nos evitar o contacto com o estrangeiro. No cérebro das criaturas que dirigem os nossos serviços públicos mais importantes germinam ideias exóticas que causariam inveja a um hototote. Só neste país, por exemplo, se considera a luz eléctrica um luxo e as taxas postais uma receita. Enquanto a Inglaterra se orgulha de que o déficit dos serviços telégrafo-postais, pelas facilidades e modicidade de relações que cria, é o gerador da sua grande riqueza e força industrial e financeira, em Portugal, onde pontifica o sr. António Maria da Silva, quer na política quer nos Correios, tem-se a veleidade de pretender cobrir com taxas exageradas as despesas dos serviços telégrafo-postais.

Uma das maiores fontes de receita do país é as relações estreitas e assíduas que existem entre portugueses e brasileiros e portugueses residentes no Brasil. A administração geral dos Correios e Telégrafos deveria, pois, ter especial empenho, mesmo sacrificando as suas receitas, em facilitar ao máximo as relações luso-brasileiras. Pois este caminho lógico, intuitivo é esquecido criminosamente pelo sr. António Maria da Silva, director geral dos Correios e Telégrafos, que num desprêzo enorme pelos interesses colectivos, conseguiu há tempos encarecer as taxas quando um acordo internacional mandava reduzi-las em 50 por cento.

Para desculpar o seu crime, António Maria, quando lhe falavam em redução de taxas, dizia que o Brasil desrespeita o tal acordo internacional firmado em Estocolmo e que Portugal devia defender-se mantendo as suas taxas.

António Maria mentia, porque a 22 de Agosto do corrente ano o Diário Oficial daquela nação amiga publicava o seguinte decreto:

“O Congresso Nacional resolve:  
Art. 1.º — Fica aprovado o acordo celebrado entre o Brasil e Portugal para a redução das taxas postais na permuta de livros e jornais e assinado em Lisboa em 18 de Outubro de 1924.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das comissões, 22 de Agosto de 1925. Alberto Sarmento, presidente; Alberto Maranhão, relator; Pessoa de Queirós, Fonseca Hermes, Augusto de Lima, Adolfo Kouder e J. Mangabeira.”

E tão oneroso o envio de livros ou de publicações idênticas para o Brasil que de uma casa exportadora sabemos nós que, feitas as contas, poderia enviar um próprio, em terceira classe ao Rio de Janeiro como portador dos livros, que mesmo assim economizaria cinqüenta por cento da despesa que o correio a obrigar a fazer!

E assim que a administração dos Correios e Telégrafos cumpre a sua missão de facilitar a expansão da literatura portuguesa no estrangeiro.

A carestia das taxas postais faz retrair as relações internacionais. Portugal tem vivido quase isolado do resto do mundo prejudicando a marcha da sua cultura tão frouxa já. O sr. António Maria da Silva, lá porque deseja arranjar receita para compensar os seus erros de administração, condenou-o, contra a letra de acordos internacionais em que está comprometido, ao completo isolamento.

## Os fascistas em França

PARIS, 13. — Constituiu-se o primeiro fascio francês, formado por legiões enquadraduras militares.

Depois do primeiro comício realizado, os grupos dirigiram-se ao túmulo do soldado desconhecido, onde fôraram prestar a sua homenagem aos mortos da grande guerra.

## A assinatura do tratado de Locarno

LONDRES, 13. — O governo britânico enviou um convite aos governos frances, italiano, belga e germânico, para se proceder dia primeiro de dezembro à assinatura do tratado de Locarno.

## O atentado contra Mussolini

foi um pretexto para estabelecer a pena de morte

Continuam a fazer-se prisões em massa em toda a Itália, em consequência da “descoberta” do famoso complot, de que a imprensa se fez eco.

Calcula-se em algumas dezenas os indivíduos presos, mas ignora-se o número exacto, em virtude da polícia ter agido no maior segredo. Os jornais italianos que nos chegam às mãos, trazem alguns detalhes sobre a ocupação armada das lojas maçônicas e das sedes das secções socialistas.

Os órgãos da oposição vêm-se cercados de perigos por todos os lados e é raro o dia em que qualquer deles não é suspenso. Augilia, ex-redactor da gazeta católica Popolo, que fôr preso a semana passada, foi de novo posto em liberdade. Segundo contam, foi ele que denunciou o complot, declarando que a sua consciência de católico lhe proibia fazer parte da conjuração, embora indirectamente. No entanto este boato foi desmentido pela polícia.

Uma nota da polícia que apareceu há dias, em Itália declara que os jornais contaram muito fantásticamente como os casos se passaram e como sempre, em vésperas de repressões violentas, a imprensa fascista reclama uma ação vigorosa contra os seus inimigos.

O Popolo de Itália, o Tevere e o Impero sobrearam de todos os outros, pedindo que a pena de morte restabelecia.

## Pelas informações oficiais, o «complot» formou-se em Paris

ROMA, 13. — Segundo informações colhidas nos círculos oficiais, as investigações acerca da conspiração contra a vida de Mussolini, revelam que todos os pormenores foram cuidadosamente preparados pelos dirigentes dos emigrantes italianos em Paris, os quais igualmente planeavam derribar o governo fascista por meio dum golpe militar.

Neste propósito foram organizadas em França numerosas legiões, denominadas “de Garibaldi”, sob a forma de associações desportivas.

Uma das razões que levaram o chefe do governo a convocar o parlamento é a apresentação dumha proposta de lei retirando áqueles emigrantes os direitos de cidadãos italianos e ordenando a confiscação dos seus bens.

## A quem interessava o «film» do atentado

ROMA, 13. — O movimento fascista italiano obteve um novo impulso com a descoberta do atentado contra Mussolini.

Entre os novos filiados conta-se o embaixador e todo o pessoal da embaixada de Paris.

## Os tumultos da Jugoslávia contra o fascismo

BELGRADO, 13. — Em consequência dos incidentes de Zagabria e Agram onde, na primeira, foi assaltado o consulado italiano e queimada a bandeira pelos estudantes, o governo iugoslavo demitiu o comandante da polícia e o ministro dos Negócios Estrangeiros apresentou oficialmente as desculpas do governo ao embaixador italiano.

O governo ordenou o pagamento de indemnizações aos italianos que sofreram prejuízos e a punição dos oficiais da polícia que em Agram não procederam com a devida energia ao ser queimada a bandeira italiana.

Por motivo da prisão de nove académicos, declararam-se em greve os estudantes de Belgrado, Laibach e Agram.

## OS REVOLTOSOS DA SÍRIA

tentaram entrar na Palestina

JERUSALEM, 13. — Os rebeldes drusos tentaram atravessar à fronteira norte da Palestina, sendo, porém, repelidos pelas tropas inglesas.

## A altitude da Itália

ROMA, 13. — O governo italiano deliberou enviar o couraçado “Andrea Doria” e quatro caça-torpedeiros para as costas da Síria, a fim de vigiar os acontecimentos que ali estão desenrolando.

## Painlevé confessou que morreram 600 franceses em Damasco

PARIS, 13. — O sr. Painlevé desmentiu perante a comissão dos negócios estrangeiros do Senado, as notícias falsas espalhadas foras do país acerca dos acontecimentos da Síria, propositalmente deformados e alterados por certos correspondentes jornalísticos.

É preciso o número de oficiais e soldados franceses mortos nos combates com os drusos perto de Damasco, foi de seiscentos e não de milhares.

## Uma derrota da política católica

HAIA, 13. — Quatro ministros católicos do gabinete holandês apresentaram a demissão, em consequência da câmara ter rejeitado uma moção a favor da representação diplomática holandesa junto do Vaticano.

A moção foi rejeitada por 52 votos contra 32.

## Os grandes temporais

SARAGOZA, 13. — O Ebro continua a aumentar de volume, atingindo a subida cinco metros em alguns sítios.

De várias povoações comunicam que as águas estão causando grandes prejuízos, arrastando grande número de semelhantes.

Segundo as últimas notícias, em todo o norte reina forte temporal, caindo na Andaluzia grande quantidade de neve e forte temporal.

Em seguida o presidente lhe uma moção que foi entregue na mesa e que é do se-

## Realizou-se ontem na sede da C. G. T. uma grande sessão de protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada

Em virtude do dr. Gonçalo Casimiro não ter podido realizar a conferência anunciada e cujo título seria “Liberdades públicas”, por ter um julgamento no Pórtico a que não podia faltar, a Comissão Pró-Regresso dos Deportados respondeu à ultima hora fazer uma sessão pública de protesto contra as deportações.

O camarada Virgilio de Sousa, delegado do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, é o primeiro a fazer uso da palavra.

A mesa procede, no entanto, antes do orador fazer uso da palavra, à leitura de uma mensagem dos presos sociais na Esquadra das Mónicas cujo texto é o seguinte:

“Senhores: — É terrível e lastimável a situação em que nos encontramos há 6 meses, pois que mais dum vez temos pedido justiça, e os senhores do poder fazem de conta que nos não ouvem.

Senhores: — É também de lastimar que pugnando nós para o engrandecimento da República nos deixem estar 6 meses encarcerados sem culpa formada e se vá atrindo com dezenas de criaturas para a Guiné.

Senhores: — Pedi a nossa liberdade porque nesse momento pedis o engrandecimento da República.

Senhores: — Encarai bem com as arbitrariedades cometidas na sala do Risco e no Tribunal de marinha; pois senhores se fossemos nós talvez fossemos condenados à morte.

Senhores: — Arbitrariedades desta natureza só se cometem à ordem dos Vitorinos ou dos Silvas ou dos Domingos Pereira. Isto é infame.

Senhores: — Apelai para que justiça nos seja feita porque assim mais uma vez mos traçais que reconheces os inocentes.

Senhores: — O momento que vamos a travessando é pungentíssimo salva-nos enquanto é tempo, senão seremos mais umas dezenas de inocentes atirados para as masmorras da Guiné, e por isso levantai bem alto o vosso protesto.

Justiça! Justiça!

Os presos da esquadra das Mónicas, José Maria da Cruz, há 170 dias; José Filipe, 122 dias; António José de Almeida, 182 dias; António Pereira, 167 dias; Jaurés Américo Viegas, 150 dias; Augusto Vitor, 131 dias; João dos Santos, 167 dias; António Gonçalves, 169 dias; Luís José Abreu, 101 dias.

Vergilio Sousa lembra que os militantes não têm culpa da situação que se encontram

com os que mais de oito dias sem culpa formada.

Senhores: — Eramos 600 franceses que foram mortos em Damasco, e por isso levantai bem alto o vosso protesto.

Justiça! Justiça!

Os presos da esquadra das Mónicas, José Maria da Cruz, há 170 dias; José Filipe, 122 dias; António José de Almeida, 182 dias; António Pereira, 167 dias; Jaurés Américo Viegas, 150 dias; Augusto Vitor, 131 dias; João dos Santos, 167 dias; António Gonçalves, 169 dias; Luís José Abreu, 101 dias.

Vergilio Sousa lembra que os militantes não têm culpa da situação que se encontram

com os que mais de oito dias sem culpa formada.

Senhores: — Eramos 600 franceses que foram mortos em Damasco, e por isso levantai bem alto o vosso protesto.

Justiça! Justiça!

Os presos da esquadra das Mónicas, José Maria da Cruz, há 170 dias; José Filipe, 122 dias; António José de Almeida, 182 dias; António Pereira, 167 dias; Jaurés Américo Viegas, 150 dias; Augusto Vitor, 131 dias; João dos Santos, 167 dias; António Gonçalves, 169 dias; Luís José Abreu, 101 dias.

Vergilio Sousa lembra que os militantes não têm culpa da situação que se encontram

com os que mais de oito dias sem culpa formada.

Senhores: — Eramos 600 franceses que foram mortos em Damasco, e por isso levantai bem alto o vosso protesto.

Justiça! Justiça!

Os presos da esquadra das Mónicas, José Maria da Cruz, há 170 dias; José Filipe, 122 dias; António José de Almeida, 182 dias; António Pereira, 167 dias; Jaurés Américo Viegas, 150 dias; Augusto Vitor, 131 dias; João dos Santos, 167 dias; António Gonçalves, 169 dias; Luís José Abreu, 101 dias.

Vergilio Sousa lembra que os militantes não têm culpa da situação que se encontram

com os que mais de oito dias sem culpa formada.

Senhores: — Eramos 600 franceses que foram mortos em Damasco, e por isso levantai bem alto o vosso protesto.

Justiça! Justiça!

Os presos da esquadra das Mónicas, José Maria da Cruz, há 170 dias; José Filipe, 122 dias; António José de Almeida, 182 dias; António Pereira, 167 dias; Jaurés Américo Viegas, 150 dias; Augusto Vitor, 131 dias; João dos Santos, 167 dias; António Gonçalves, 169 dias; Luís José Abreu, 101 dias.

Vergilio Sousa lembra que os militantes não têm culpa da situação que se encontram

com os que mais de oito dias sem culpa formada.

Senhores: — Eramos 600 franceses que foram mortos em Damasco, e por isso levantai bem alto o vosso protesto.

Justiça! Justiça!

Os presos da esquadra das Mónicas, José Maria da Cruz, há 170 dias; José Filipe, 122 dias; António José de Almeida, 182 dias; António Pereira, 167 dias; Jaurés Américo Viegas, 150 dias; Augusto Vitor, 131 dias; João dos Santos, 167 dias; António Gonçalves, 169 dias; Luís José Abreu, 101 dias.

Vergilio Sousa lembra que os militantes não têm culpa da situação que se encontram

com os que mais de oito dias sem culpa formada.

Senhores: — Eramos 600 franceses que foram mortos em Damasco, e por isso levantai bem alto o vosso protesto.

Justiça! Justiça!

Os presos da esquadra das Mónicas, José Maria da Cruz, há 170 dias; José Filipe, 122 dias; António José de Almeida, 182 dias; António Pereira, 167 dias; Jaurés Américo Viegas, 150 dias; Augusto Vitor, 131 dias; João dos Santos, 167 dias; António Gonçalves, 16

**COLISEU**

Hoje - A's 21 horas (9 da noite) - Hoje  
Surpreendente e variado programa da  
**Grande Companhia de Circo**

**ADMIRÁVEIS TRABALHOS  
DE TODOS OS ARTISTAS**

**Uma foca amestrada**

O melhor e mais barato espetáculo de Lisboa

**AMANHÃ - Grandiosa "matinée"**

Bilhetes à penas

2.ª-FEIRA - 3 sensacionais estreias

**3 TIGRES REAIS 3**

Os acrobatas ROCHI

7 soberbos cavalos 7

**ver  
hoje  
em  
São Carlos**

a peça de Charles Meré

**O PRINCE JEAN  
(O PRÍNCIPE JOÃO)**

Tradução de C. Aires e A. Pereira

**ONTEM E HOJE**

**Uma opinião insuspeita  
sobre bombas e bombistas**

A propósito do que a cada passo ouvimos dizer sobre bombas e bombistas encontrámos, ao ler um panfleto de Padua Correia, jornalista brilhante que no Norte ajudou a derrubar a *esfalecida*, o artigo soberbo de que aqui damos à estampa um boacinho de ouro para que os nossos leitores façam o devido juizo.

Podíamos fazer fundados comentários sobre o assunto mas preferível é apresentar semi *confecção* a opinião de um republicano dos tempos em que sólo equivalia a, nos termos modernos, ser sindicalista... inimigo da sociedade.

Transcrevemos:

"Mas de que se admiram os fautores de repressões ferozes, ditaduras militares e formas de governo repressivas? Em todos os tempos e países as agressões e tiranias provocaram conspirações. Sempre os conspiradores se preveniram com armas do seu tempo. Pois que conspiraram desarmado é platonismo de ingénuos ou divertimento arriscado de quem sofre de lesão cerebral. Iá lá vão não e não escassos, em que as forças regulares e o povo possuam armas iguais. A invenção das espingardas de tiro rápido e grande alcance, o aparecimento das metralhadoras e a perfeição da artilharia deslocaram a maneira de combater."

A esses armamentos, os revolucionários, para própria defensão, só podem opôr: a bomba. E em todas as nações em que o povo luta contra o despotismo, no momento do conflito, a bomba faz ouvir o seu estampido em resposta ao roar do canhão. Que é barbaril afirmá-se. Que é instrumento assassino! E depois? Que concluem da asserção?

Nesses momentos em que se joga a vida, nesses lances em que por ideais, interesses e paixões se mata e se morre, o homem regressa aos imóveis atávicos das épocas primitivas. Se é bárbara a dinamite, que civilização existe na metralha, nas surriadas de infantaria, nas ferraduras dos cavalos e nas catanas dos cavaleiros que carregam, na destruição em massa? Que diferenças de piedade distinguem entre os miolos vadiados por um estilhaço da artilharia ou voar em pedaços com a explosão dum petardo?

Em que código de humanitarismo se encontram os obuses de melinite ou de ximose, e a granizada cega de balas que um schrapnell despede?

Não se jogam então sorrisos e beijos, nem se sacodem das janelas arrengoadas de rosas, os punhados de trigo com folhas de oliveira que nas aldeias se atiram aos novos como símbolo de fecundidade.

Rasgam-se entradas, fende-se crâneos, vasam-se peitos. Só a sinistra caveira da morte ri às escâncaras!

Ora em todos os escalões do lento progresso dos povos se encontram martires e sacrificios. Os alicerces da civilização enterram-se na carne e no sangue das gerações finais.

Panfleto datado de 28-9-1910.

Neste tempo já existiria a Guiné?

Pabilo

**O Saltimbanco**

Hoje e amanhã últimas récitas no Apolo com este conmovedor drama, pois terça-feira realiza-se a 1.ª récita do **INIMIGO DO Povo**, de Ibsen.

**ACREDITA:**  
D fracoza geral, o tuberculoso, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só têm um inimigo poderoso

**ASSINEM Os mistérios do Povo**

**Malas postais**  
Pelo paquete «Wena» só hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires e por via Espanha e Gibraltar para a ilha de Timor.

Da estação central dos correios as últimas tiragens da correspondência, são respectivamente às 10 e 17 horas e 40 minutos.

**Educação Social**  
Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
Publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.*—R. dos Restauradores, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha»

**AGREMIAÇÕES VARIAS**  
Grupo de Solidariedade «Os 21 Manufacturadores de Calçado».—Reúnem hoje às 21 horas.



Superior a todas assimiladas nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA FARMACIA SOMOSTONICO  
Praca dos Restauradores, 18 LISBOA

**NUCLEO CALCINA**  
TÓNICO ENÉRGICO  
E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médis

Superior a todas assimiladas nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA FARMACIA SOMOSTONICO  
Praca dos Restauradores, 18 LISBOA

**AGREMIAÇÕES VARIAS**  
Grupo de Solidariedade «Os 21 Manufacturadores de Calçado».—Reúnem hoje às 21 horas.

**A Penitenciária de Coimbra e a indústria do mobiliário**

COIMBRA, 12.—Dissemos já, em anteriores artigos, que os arrematantes das oficinas de mobiliário da Penitenciária desta cidade, dispõem de grande influência. Em apoio desta afirmação trazemos mais um pormenor que é, por demais, conhecido do público e que sómente as entidades superiores fingem não conhecer.

Arremataram estes cavalheiros (os actuais usufrutuários das oficinas em questão desta moderna Bastilha) as oficinas de mobiliário, de Janeiro de 1923 a Janeiro de 1925—dois anos, prazo fixado por uma portaria do ministério da Justica. A mesma portaria manda que o director da cadeia ponha em praça, terminado este prazo, não só as oficinas de mobiliário como todas as outras e as entregue à exploração de quem melhores condições oferecer. Nada disto se tem cumprido—quem o ignora?

E' que estes senhores arrematantes opuseram à força legal dum portaria a força prodigiosa da sua influência—tendo, desta luta, saído vitoriosa esta última.

Não sendo estranho, naturalmente, às suas maquinações o sr. director, dr. José Miranda—foram a Lisboa, sobrando uma recomendação, e conseguiram que as oficinas não fossem à praça, permitindo-se-lhes, assim, contra o preconizado na portaria, que elas vão continuando a atuar as algibeiras à custa de vêxames aos indistintos recusados, mercê de lágrimas e suor que fazem verter a essa desgraçada vítima dum meio social corrupto.

O que é mais grave, segundo nós informam, estes senhores acalentaram a esperança de a sua influência política lhes conquistar mais dois anos de extorsões, ilegalmente. E isto por não lhes ser possível—tão escandaloso era!—conseguir a arrematação das oficinas durante seis anos, como era seu intento.

O que mais revolta é o cinismo com que os arrematantes manifestam os seus propósitos de extinguir a indústria particular, de cumplicidade com o Estado, que permite que um grupo de indivíduos esteja decidando guerra a uma classe que só do trabalho honesto vive.

Quanto à exploração infamíssima e aos vêxames de tódas a ordem a que, por parte dos arrematantes, estão sujeitos os penitenciários—vêxames e exploração que definem bem o estíolo moral dos indivíduos a quem o Estado confia a missão, que devia ser bem mais prezada, de educar profissionalmente os reclusos—acrescentaremos em próximo artigo algumas notas que por agora não conseguimos compilar.

\* \* \*

Todos estes factos servem para mostrar aos operários da indústria do mobiliário de Coimbra, a imperiosa necessidade de se reorganizarem quanto antes, a dentro do seu sindicato, o mais fortemente possível, para combatêr o espectro da Fome, que já paira, ameaçador e terrível, sobre o lar das operárias desta indústria.

Nesta hora grave, em que se joga com os destinos dum numeroso clube, é que aquela parte mais consciente deve enviar todos os esforços para atrair os mais renitentes a organizarem-se, assim como, também, evitar que se dê a anomalia de haver operários que se prestam a trabalhar em serões, numa altura em que anda um grande número de operários sem trabalho. Daí-se um caso destes, por exemplo, na oficina «A Liquidatária», no Largo da Sé Velha, onde raro é o dia em que os operários não trabalham até altas horas da noite; há ainda a agravante de nessa casa terem suspenso, ou estarem para suspender alguns operários — por falta de trabalho!

Esta forma de proceder só revolta pela inconsciência que revela da parte desses operários que não só se estão prejudicando como, também,—e isso é pior—estão prejudicando o pão de seus camaradas.

São estes e outros assuntos de carácter imediato, que nós desejamos very preocupar o pensamento dos camaradas que se propõem à tarefa de reorganizar sindicalmente a classe do mobiliário.—C.

**Como se comemorou na Penitenciária  
o 5 de Outubro**

Já concluído o nosso artigo acima descripto, chega até nós um grifo de revolta, saído do peito dos reclusos, que tem por causa a maneira escandalosa, infamíssima, como são tratados os presos.

No dia 5 de Outubro, para comemorar tão "gloriosa" data, apresentaram aos presos uma "copiosa" refeição, em cujo menu figura um "delicioso" prato de "carne putrefacta", que não pode ser tragada em virtude do seu estado de decomposição!

No mesmo dia, e também—com certeza—para festejar aquela data, as oficinas conservaram-se em laboração, sendo, porém, excluídos do trabalho alguns penitenciários menos do agrado dos «sobas», que preferiam ao encarceramento nas celas imundas, sem condições de higiene, o trabalho extenuante das oficinas.

Claro que pouco nos preocupa que na Penitenciária de Coimbra não respeitem os feriados da República.

Queremos, tão sómente, frisar o poder oculto que existe dentro dum estabelecimento do Estado, em que nem as leis do mesmo Estado são respeitadas.

E' o que se chama um pequeno «sobado», onde impera, apenas, a omnipotente vontade dum «réguo» e a de seus acólitos.

E' não se ergue uma voz que nos separe de bradar contra tão infames desumaneidades!—C.

**ASSINEM Os mistérios do Povo**

**Malas postais**  
Pelo paquete «Wena» só hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires e por via Espanha e Gibraltar para a ilha de Timor.

Da estação central dos correios as últimas tiragens da correspondência, são respectivamente às 10 e 17 horas e 40 minutos.

**Educação Social**  
Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
Publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.*—R. dos Restauradores, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha»

**TEATRO NACIONAL — Telef. N. 3049**

HOJE—Exito brillantissimo da magnifica peça de CARLOS SELVAGEM

**MIRAGEM**

O original português de mais difícil interpretação nos últimos tempos

**DESEMPENHO MAGISTRAL**

dos societários Ester Leão, Palmira Torres, Albertina de Oliveira, António Pinheiro, Luis Pinto, Clemente Pinto, Ribeiro Lopes e Joaquim de Oliveira com Aurélio Ribeiro e José Balsamo

**ENCENAÇÃO EXTRAORDINÁRIA DO PROFESSOR  
ANTÓNIO PINHEIRO**

Luxuoso mobiliário, cedido gentilmente pela casa de Campos Henriques

**EDEN TEATRO**

TELEF. N. 3800

HOJE—às 21,15 (9 1/4 da noite)

**RÉCITA DOS AUTORES  
João Saraiva e António Carneiro**

com a sua galante e espirituosissima revista

**NO PAIZ DO TIRISMO**

Noite de entusiasmo

**Em Coimbra****AS GREVES****Um «cristão» coerente**

COIMBRA, 12.—Nos tempos que vão correndo, de predominio do Deus-Milhão, um cristão coerente com as máximas de Cristo é raridão tão notável como um acto de generosidade, de filantropia, da parte dos da U. I. E. ou dos da polícia.

Numas das freguesias limítrofes desta cidade, acaba de observar-se uma dessas ruidades. Em São João do Campo, o padre daquela freguesia, encarnado, no pupilo, a figura do lendário agitador da Galileia. Apregoou ao povo:—«Se tens fome, crime é ir, para a matar, tirar aos pobres os meios de subsistência de que careces. Deveis ir, se isso fôr mister, buscá-los às praias das ríbeiras».

A empresa para satisfazer a vaideade de seu lado, aí se lacaio Figueiredo não se importa de ser prejudicada, como o está fazendo, pois a verba que diariamente gasta em polícias para buscar os «amarelos» não é tão pequena como isso.

As polícias que têm de ir buscar um dezenas ao ponto onde mora maldizem o procedimento dos «amarelos», pois o caminho além de ser péssimo, a casa dele fica num descampado que dificil é a qualquer polícia encontrar.

Os «amarelos» estão traíndo não só os que com elas trabalhavam como também a elas das 8 horas de trabalho, pois que diariamente fazem 12 horas e só assim conseguem pôr o jornal na rua, dando a aparente de ser composte pelo mesmo número de homens, quando só é feito por metade e esses não faziam parte do quadro — isto é, a-pesar-de ser passado quase um mês de auxílio.

O quadro continua mantendo-se firme e disposto a lutar, continuando a classe a prestar toda a solidariedade moral e material, por reconhecer que o seu protesto é de todo o ponto justos.

—Hoje está aberta a inscrição, das 17,30 ás 19, para todos os grevistas que necessitam de auxílio.

**Operários tanoeiros de Gaia**

GAIA, 12.—Continua com entusiasmo a greve dos operários tanoeiros de Gaia contra o vasilhame de «tornavias».

Faz hoje precisamente 15 dias que os tanoeiros se declararam em greve e durante este espaço de tempo têm mostrado o seu espírito de solidariedade.



# A BATALHA



## A luta contra a baixa de salários

### Em Castelo Branco

Neste momento, a preocupação máxima dos que vivem do seu esforço não é já, como seria natural, a conquista dum situação de bem estar absoluto, mas sólamente à segurança dum salário ratinado pela ganância dos exploradores das indústrias que, insensíveis aos prenunciados dum maior agravamento do custo da vida, persistem em reduzir os proveitos dos seus assalariados.

E, por mais que aos ouvidos nos bradem que somos naturais dum país civilizado, só por chuchadeira podemos tomar tal assertão. Pode um povo civilizar-se quando o lançam numa vida vegetativa, sem capacidade pecuniária para instruir-se, para educar-se, para recrear o espírito, para, pelo menos, ter gosto pelo trabalho?

A fome não gera—nunca gerou—civilizações. A fome cria a revolta, fomenta a anormalidade nas indústrias e nos espíritos.

A não ser que se chame civilização ao facto de existirem uns tantos pretensoios donos das indústrias, sem gosto artístico, e cuja acção se limita a esbanjarem por clubes chicos e em indumentárias faustosas, o que, sendo produto do esforço de todos, de todos deveria ser património...

Já os temos afirmado: as crises de trabalho em que constantemente nos debatemos são a triste consequência—triste para nós que lhe sofremos as agruras—do mal tacto burguês, do empreramento de engrenagens da máquina capitalista. Onde tudo está por fazer e a miséria assentou arraialas, não pode existir uma crise de trabalho natural.

E se outra justificação faltasse para firmarmos este nosso ponto de vista, bastar-nos-hia a última arremetida contra os escassos salários. A crise ocasionou a oferta de braços e esses servem à maravilha para forçar o barateamento da mão de obra operária — é bom não esquecer que o consumidor só muito vagamente beneficia com a redução da mão de obra, visto que as diferenças vão quase todas direitinhos a engrossar os cabedais dos magnates da indústria e do comércio — daqui se infere, pois, que só por um ardil, irmão gémeo da ganância, se procura fazer descer os salários.

Que a vida está mais barata, grita-se. Que os salários estão altos, afirma-se. O que não desejariam os que assim se pronunciam, era o verem-se reduzidos a viver com esses tão altos salários que hoje combatem...

A provar que não estamos em êrro temos o facto de no conflito latente na indústria corticeira, haver muitos pequenos industriais que vêm afirmando a sua disposição de reabrir as fábricas sem reduzir os salários, o que prova que só a malevolência dos grandes magnates faz perdurar uma luta que, sendo de prejuízos graves para os já abalados lares operários, não deixa de prejudicar também os industriais pequenos, vítimas de si próprios, da sua subserviência à vontade dos seus mestres.

Que os operários despertem e se apercebam de que o momento carece de ação vigilante, para que as regalias tão caramente conquistadas não resvalam no abismo cavado pelas ambições dos que exploram.

### NOTA DO COMITÉ DA GREVE

Mais um dia de luta que passa, sem que os patrões, insensíveis à Razão, cedam ao que pretendemos.

Parce que procuram ganhar tempo, supondo que a fome, ao invadir-nos os lares, nos leve a uma rendição. Nunca! Os operários corticeiros, ao levantaram-se contra a redução dos salários, não o fizeram pelo prazer de travar luta com os patrões, mas sim por estarem convencidos de que, por um capricho desumano dos donos das indústrias, não tinham o direito de condonar as suas companheiras e filhos a uma miséria cruciante.

Os industriais tomaram-nos o pulso e suposermos fracos. Enganaram-se. Nós nunca deixámos de lavar uma afronta; e esta que nos lançam tem a infâmia de nos cercear o direito à vida!

Sem pão nos lares não é possível produzir bem. E muito embora pese àqueles a quem pelo nosso esforço tornámos de pobres em ricos, continuaremos lutando, bradando enquanto tentarem reduzir-nos os salários:

### Viva a greve!

Viva a solidariedade!

### O Comitê.

### Reuniões a realizar nos Sindicatos

Com a presença de delegados da Federação Corticeira, reúnem amanhã, pelas 12 horas, os grevistas, nos sindicatos seguintes: Belém, Almada, Barreiro, Seixal, Alhos Vedros, Aldeagalega e Poço do Bispo.

A presença de todos os grevistas a estas reuniões é indispensável.

### Em Odemira

Os corticeiros desta vila não desfalecem na luta para que fôram atirados pela ganância dos industriais. Atentos à orientação do comitê, só um desejo os anima: vencer.

### Em Messines

Prossegue com entusiasmo crescente a luta dos corticeiros contra a baixa de salários. Pela disposição que os grevistas denotam é justo prever a vitória.

### Em Silves

A greve dos corticeiros tem aqui um interessante aspecto de coesão e de solidariedade. A todos anima o desejo de lutar até que lhes seja garantido o salário tal como vigorava.

### No Poço do Bispo

Mantém-se a greve corticeira nesta área com uma energia inalterável, estando os grevistas dispostos a lutar até à vitória.

A classe reúne hoje, pelas 16 horas,

## EM BEJA

### Numa importante sessão operária daquela cidade aprovou-se um protesto contra as deportações

BEJA, 19.—Realizou-se na associação dos rurais desta cidade uma importante sessão de protesto contra as deportações e contra as prisões sem culpa formada. A sala estava repleta, ficando ainda na rua muitas pessoas que não conseguiram obter lugar.

António Monteiro, dos sapateiros, abriu a sessão. Declara que, desejando a organização operária local promover uma sessão de protesto contra as deportações para a África sem prévio julgamento, aproveitou a ocasião de virem a Beja os representantes da C.G.T. e Federação Rural que em missão de propaganda associativa têm percorrido uma parte desta região.

Segue-se o uso da palavra Vital José, delegado da Federação Rural que começa por saídos o operariado bejense lamentando que a sala não seja de molde a poder conter todos os que queriam assistir à sessão.

Condene vibrantemente todas as violências e infâncias que têm sido cometidas por esta sociedade, criticando asperamente as deportações sem julgamento e as prisões sem culpa formada.

Tinha sido incumbido pela Federação Rural de ir a Beja realizar uma sessão entre os camponeses para lhes demonstrar o mal que enferma a sua organização. Ao chegar a esta cidade teve conhecimento de que se realizava uma sessão política e que o seu nome estava incluído entre os oradores.

A Federação Rural está muito preocupada com a Associação dos Rurais de Beja, que, sem motivo plausível, se desfere. O orador refere-se largamente a este assunto.

A Federação Rural foi duramente atacada por não ter auxiliado a manobra que certos políticos vinham fazendo em torno dos festejos, da pequena propriedade.

Os pequenos proprietários quando quiserem defender-se das contribuições que se defendem mas unidos como classe. Os organismos operários não devem tomar a sua defesa, porque elas a pesar de pequenos não vendem os seus produtos mais baratos.

Pois, porque a Federação Rural não tomou a defesa no agravamento da pequena propriedade como não toma a defesa no agravamento da grande, antes se preocupa com a extinção tanto dura como doutra, para as tornar numa só e colectiva, insultando o mesmo organismo. Este insulto não partiu deste organismo, diz, mas sim de alguém que o quis colocar mal perante a F.R. e restante organização operária.

Manuel Benito, dos rurais, diz ter observado que se faz correspondência insultando a Federação Rural, mas que esta não ficou registada. Também observou que neste organismo se fizera bastante defesa dos festejos, mas isso não mais se tornaria a fazer visto os indivíduos que faziam essa defesa, uns já não são sócios e outros reconhecem o mal que vinham causando ao sindicato.

Declara que tendo o delegado da F.R. exposto tudo quanto desejava vai agora entrar-se na segunda parte da sessão, ou seja a apreciação das deportações.

José G. Cambado, dos sapateiros, diz que em poucas palavras vem zelar à assembleia qual os desejos da sua classe particularmente uma tamanha infâmia. Ela deseja que essa infâmia seja pelas autoridades reparada o mais breve possível, enviando a metrópole todos os deportados que estão em África sem julgamento e pondo em liberdade todos os presos falsamente inculpados.

Lê uma moção que tem as conclusões seguintes:

1.º regresso dos deportados, submetendo-os a julgamento para se lhes apurarem responsabilidades dos crimes de que os acusam; 2.º dar todo o apoio à C.G.T. em qualquer movimento que entenda realizar.

António J. Pires diz que vai fazer um pouco de história da sua pessoa no movimento operário.

Continuam também os dois assilados do Asilo Maria Pia, não sabemos se com o consenso do director daquele estabelecimento, a traír a justa causa dos grevistas. Entretanto os sr. Diamantino & Branco vão protelando diariamente a solução da greve, esperando talvez fazer render pela fome os operários que têm contribuído para criar a situação desafogada que hoje disfrutam.

Mas se assim pensam enganam-se. Os operários do mobiliário já por mais que uma vez têm demonstrado que não se curvam perante essas ameaças nem se intimidam com as perspectivas dum futuro sombrio. A sua consciência, fortalecida pela justiça da sua reclamação, dá-lhes alento para suportar os sacrifícios impostos pela greve. Mas cuidado, senhores Diamantino & Branco! Lembrai-vos que a fome é má conselheira e que as nossas exortações sobre a indispensável serenidade podem ser esquecidas!

Pretendem os senhores provar que a vida continua descendo; chamamos, porém, a sua atenção para o aviso da Vacuum Oil Company e para o aviso dos carvoeiros. E lembr-e, visto que já por lá passou, que nos lares operários a iluminação e as parcas refeições não são feitas a electricidade.

A par disto informe-se bem o sr. Diamantino da subida que têm tido ultimamente os gêneros de primeira necessidade, e veja depois se aos grevistas não assiste uma absoluta razão.

Vamos, sr. Branco, porque não impõe ao seu sócio as suas ideias igualitárias de outrora? Creia que tem agora, neste caso, uma bela oportunidade.

Aconselha a que todos os operários se unam nos seus sindicatos e puguem, tanto pelas suas reivindicações como pela liberdade daqueles que souberam honrar o operário.

Termina aconselhando a todos os presentes para que comuniquem aqueles que ali não foram o dever, que bem se pode traduzir em obrigação, de acorredor ao chamamento que a C.G.T. lhes faça para que tanto a solidariedade aos presos como a sua liberdade sejam um fact.

Terminou esta sessão, que bem demonstra a atitude do operariado bejense no que se refere a deportações e mais perseguições, aos vivas à C.G.T., A Batalha, etc., —C.

Em Messines

Prossegue com entusiasmo crescente a luta dos corticeiros contra a baixa de salários. Pela disposição que os grevistas denotam é justo prever a vitória.

### Em Silves

A greve dos corticeiros tem aqui um interessante aspecto de coesão e de solidariedade. A todos anima o desejo de lutar até que lhes seja garantido o salário tal como vigorava.

### No Poço do Bispo

Mantém-se a greve corticeira nesta área com uma energia inalterável, estando os grevistas dispostos a lutar até à vitória.

A classe reúne hoje, pelas 16 horas,

### Restabelecendo a verdade sobre a situação do pessoal da Industrial Agrícola

Continua sendo grave o estado de saúde

deste nosso dedicado camarada. A situação embracosa que atravessa, em consequência da falta de recursos com que lutam a comissão central e a sub-comissão que tem sede em Castelo Branco—local este onde Matos se encontra em tratamento—agravou-se em consequência da violência recentemente praticada pelas autoridades locais, que sem qualquer justificação possível o detiveram e tiraram para um infame cabaloço.

Resolvemos então apurar a verdade. Fomos às oficinas da Industrial Agrícola falando ao pessoal operário, única entidade que nos servia neste caso. Das nossas investigações apurámos que o sr. António Lopes foi vítima dum injustiça, merecendo por isso a devida reabilitação. Mas vamos à rectificação.

Não é verdade que o pessoal seja obrigado a produzir além das suas forças e a produzir um trabalho imperfeito. Apenas a alguns trabalhos de somenos importância se recomenda maior ligereza, o que sucede noutras oficinas.

Não é verdade que o pessoal seja tratado insolentemente, mas sim é tratado com consideração que merece.

E verdade o pessoal receber irregularmente as suas férias. Porém, este facto, é determinado pela situação financeira que a Industrial Agrícola atravessa, pois é devido a falta de pagamento da remuneração de alguns milhares de escudos. Esta falta de pagamento foi convencionada entre pessoal e patrão, e é determinada, como se vê, pelas circunstâncias. Logo que à casa sejam satisfeitos os débitos o pessoal receberá, além das quantias a que tem direito, mais a importância correspondente a três dias de trabalho.

Também não é verdade que o pessoal fosse despedido por reclamar o pagamento de férias. Pessoal despedido não há, mas sim pessoal licenciado devido à crise de trabalho.

Também não é verdade que o pessoal fosse despedido por reclamar o pagamento de férias. Pessoal despedido não há, mas sim pessoal licenciado devido à crise de trabalho.

Acrescenta-se que o resultado da investigação apurada é que o sr. António Lopes é um homem de confiança, que se encontra inabilitado para o trabalho. O seu trabalho consiste em executar a rectificação das oficinas.

Finalmente, o resultado da investigação apurada é que o sr. António Lopes é um homem de confiança, que se encontra inabilitado para o trabalho. O seu trabalho consiste em executar a rectificação das oficinas.

As Direções dos Sindicatos dos Compositores e Impressores Tipográficos, ao terem conhecimento de que algumas tipografias se desrespeitam o horário de trabalho, pois se fazem horas a mais sem percentagem, reúnem em conjunto e deliberam pedir a todos os colegas que saibam de tipografias onde esse caso se dê, informar no Sindicato dos Compositores, R. António Maria Cardoso e Impressores Tipográficos, Calçada do Combro, 38-A, 2.º a fim-de se poder seguir nos trabalhos já encetados.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A Batalha.

Aviso importante

Sindicato dos Ferroviários da C. P.

A Comissão Administrativa destes Sindicatos previne todos os Sindicatos e Associações Classe, que não devem ceder as suas salas a um grupo de ferroviários que pretendem lançar a confusão no seio dos ferroviários da C.P., visto que têm reunido secretamente em vários locais, para assim poder levar a efecto qualquer sortida, visto as assembleias que fazem aliás a certos elementos anarquistas, ratificando assim todo o seu apoio ao camarada encarregado daquela acção que se pseudonoma de Mikail, exortando a que continue, pois que com a sua atitude muito tem contribuído para que esses elementos, compenetrados nos seus deveres, se não tenham transviado por mau caminho.

Almanaque de A Batalha para 1926

Conteúdo editorial:

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasão. Preço 10\$00.

A Cita dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2\$00.

Sendas de Lirismo e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço 8\$00.

Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço 5\$00.

A História do Movimento Macovista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Sóvietes), por Archinoff. Preço 10\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. (Desconto aos revendedores).</p